



ENANCIB 2022

PORTO ALEGRE | UFRGS | PPGCIN

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação • ENANCIB
Porto Alegre • 07 a 11 de novembro de 2022

XXII Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXII ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT-12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

**CATEGORIAS DE ANÁLISE FEMINISTAS PARA O ENSINO DE COMPETÊNCIAS EM
INFORMAÇÃO, MÍDIAS E TECNOLOGIAS DIGITAIS**

FEMINIST ANALYTIC CATEGORIES FOR INFORMATION, MEDIA AND DIGITAL LITERACY

Andréa Doyle. IBICT. UNIR.

Gilda Olinto. IBICT. UFRJ.

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: O trabalho apresenta resultados de tese doutoral que investigou, à luz da Ciência da Informação (CI) e de teorias críticas feministas, formas de ensinar competências em informação, em mídias e em tecnologias digitais para promover a desconstrução de estereótipos de gênero. De abordagem qualitativa, a metodologia da pesquisa se pauta em seis categorias de análise construídas a partir da combinação de estudos de competência em informação e das teorias feministas. Como resultados, traz a lista completa dos vinte e três artigos, encontrados na literatura internacional, sobre práticas de ensino críticas já desenvolvidas e testadas. Conclui que a abordagem feminista dá conta de proporcionar um ensino que combina a promoção de um relacionamento crítico com a informação assim como a reflexão e o combate aos estereótipos de gênero, e sugere que as categorias apresentadas, se usadas desde a concepção de propostas educativas, podem informar práticas de ensino voltadas para a construção de uma sociedade mais justa, sustentável e feliz.

Palavras-Chave: Categorias de Análise Feministas. Competência em Informação. Práticas de Ensino Críticas. Educação Midiática. Letramento Digital.

Abstract: The work presents results of a doctoral theses that investigated, enlightened by Information Science (IS) and critical feminist theories, ways to teach information, media and digital literacies also employed to promote the deconstruction of gender stereotypes. With a qualitative approach, the research methodology is based on six analytic categories constructed from a combination of feminist theories and information, media and digital studies. As a result, it brings a list of twenty-three papers, found in international literature, about critical teaching practices already developed and tested. It concludes that a feminist approach is able to provide a critical relationship with information while questioning and fighting gender stereotypes, and suggests that the proposed categories, if employed since the design of educational proposals, can inform teaching practices oriented to the construction of a more just, sustainable and happy society.

Keywords: Feminist Analytic Categories. Information Literacy. Critical Teaching Practices. Media Literacy. Digital Literacy.



1 INTRODUÇÃO

O trabalho apresenta resultados de tese doutoral que investigou, à luz da Ciência da Informação (CI) e de teorias críticas feministas, formas de ensinar competências em informação, em mídias e em tecnologias digitais para propiciar tanto um relacionamento crítico com a informação quanto o enfrentamento às desigualdades de gênero, a partir da compreensão dos estereótipos de gênero.

Tanto as teorias feministas quando a literatura sobre competência em informação, educação midiática, letramento digital e suas convergências são bastante discutidas na tese (AUTOR, Ano). Destacamos, dentre diversas outras ideias e teorias que foram consideradas para a construção das categorias e das análises apresentadas, os seguintes principais conceitos feministas: **saber localizado** (HARAWAY, 1988) que parte da premissa que o conhecimento é produzido por uma pessoa, a partir de um corpo e uma experiência localizada no tempo e no espaço, e critica a postura universalista do saber masculino na ciência hegemônica e o deslocamento artificial do conhecimento produzido por mulheres para um lugar de particularidade; **construção colaborativa do conhecimento** (HOOKS, 2019) que visa promover um ambiente de ensino-aprendizagem horizontal e inclusivo que valorize a diversidade, a partir da pedagogia crítica freireana; e o conceito das feministas comunitárias de **bem viver** (PAREDES, 2015; CABNAL, 2010) que engloba ideias de luta contínua por justiça social para todas as pessoas entre elas e com o meio ambiente, como única forma de se atingir um estado de felicidade social duradoura e sustentável.

Dentre os conceitos-chave advindos da literatura de Alfabetização Midiática e Informacional (AMI), extrapolando esse termo para considerá-lo como um guarda-chuva que englobaria as literacias da informação, das mídias e das tecnologias digitais, frisamos as ideias de **aprender a aprender** (ACRL, 2000), que chama a atenção para a metacognição, ou seja, o exame consciente das diferentes formas como aprendemos e que inclui avaliação e uso das informações que buscamos, selecionamos e produzimos; a **decodificação/negociação de significados** (FREIRE, 1980; HALL, 2003) que entende que a leitura crítica passa pela compreensão que mensagens são discursos, que discursos são constituídos por e propagadores de ideologias, e que existem diversas gradações de decodificação desses discursos por parte da pessoa leitora, entre a adesão completa, parcial ou a oposição aos valores transmitidos no texto; **aprendizado ao longo da vida** (DECLARAÇÃO, 2011), que coloca



o aprendizado como um processo fundamental para o desenvolvimento humano, seja ele pessoal, profissional ou para o exercício da cidadania e da vida social, que nunca se completa.

A partir desse referencial teórico, o presente trabalho tem o objetivo geral de relatar os resultados da pesquisa realizada por meio da apresentação, do detalhamento e do teste do potencial analítico das categorias de análise desenvolvidas. Para tanto, na Seção 2 descreveremos cada categoria, articulando-as com os conceitos advindos tanto das teorias críticas/feministas quanto das discussões em torno da AMI.

Já na Seção 3, apresentamos o resumo dos vinte e três trabalhos analisados na tese (AUTOR, Ano). Em seguida, elegemos um trabalho de cada categoria para procedemos uma análise mais completa, sublinhando, principalmente, o modo como cada categoria representa uma dimensão constitutiva das experiências relatadas.

2 CATEGORIAS DE ANÁLISE QUE ALIAM FEMINISMO E COMPETÊNCIA EM INFORMAÇÃO

Em publicações anteriores (DOYLE, 2021; DOYLE, OLINTO, 2021), detalhamos as etapas de realização do levantamento bibliográfico¹ a partir do método de Mapeamento Sistemático da Literatura (MSL), cujos resultados estão listados no Quadro 2, na próxima seção. Da mesma forma, já explicitamos (DOYLE; DODEBEI, 2021) o processo de construção das categorias de análise, que adapta o método de produção de conceitos interdisciplinares Mapa Teórico Conceitual (MTC) (DODEBEI, 1997), adequando-o à convergência entre teorias feministas e estudos de competência em informação, mídias e tecnologias digitais.

Aqui, descrevemos as categorias de análise, construídas para direcionar a apreciação dos resultados de pesquisa. Esse esforço visa facilitar a identificação dos processos críticos nas práticas de ensino e reforçam a relação entre os dois referenciais teóricos desta pesquisa. São elas: **ponto de vista, autocrítica; colaboração; desconstrução; empoderamento; e bem viver.**

O ponto de vista é o nosso lugar no mundo. Nas teorias feministas, se relaciona com nossa ancestralidade, com nossos corpos, com nossas parcialidades e experiências. É a partir daí que conhecemos, que falamos, que agimos. É a base dos conceitos de saber localizado e

¹ Foi um processo de busca, leitura e seleção de artigos em bases internacionais (Web of Science, Scopus, Eric e Scielo), que recuperou 353 trabalhos dos quais 65 foram considerados relatos de práticas de ensino críticas de competências em informação, sendo 23 deles exemplos de desconstrução de estereótipos a partir do ensino crítico de competências em informação.



de lugar de fala. Nas teorias da informação e das mídias é o contexto: o elemento circunstancial que agrega significado, que situa a leitura e que permite a compreensão.

A autocrítica, no feminismo, vem da ideia que nós, feministas, especialmente, mas também todas as pessoas, precisamos trabalhar continuamente nosso próprio machismo internalizado para podermos remodelar nossos pensamentos e comportamentos. Esse princípio tem a ver com questionar os próprios preconceitos e estereótipos de cada pessoa. Na literatura sobre competência em informação, o elemento mais unânime de todas as abordagens é o aprender a aprender, ou seja, a consciência dos processos de aprendizagem (metacognição). A autocrítica é o esforço de avaliarmos nossos modos de pensar, sentir e aprender.

A colaboração é a base da construção social. No feminismo, as noções de comunidade e coletividade são muito fortes. Ninguém faz nada sozinho. Se temos um ponto de vista localizado, é ouvindo, trocando, incluindo e colaborando de forma horizontal com pessoas diversas, com generosidade e empatia, que temos a possibilidade de enxergar para além dos nossos próprios olhos, de ampliarmos nosso saber. Nos estudos de CoInfo, é a ideia de que a produção de conhecimento é uma conversa em uma comunidade de aprendizado. Já nos estudos de recepção de mídias, é a ideia que o significado de uma mensagem midiática é negociado pelo receptor de acordo com seu ponto de vista e não acontece de forma passiva.

Para falarmos de desconstrução, a partir do feminismo, começamos pela desnaturalização das opressões, especialmente a de gênero, mas também de relações étnico-raciais, sexualidade e outras. As mulheres não têm menos participação na sociedade porque não querem ou não têm capacidade: elas foram historicamente e ainda são sistematicamente diminuídas, privadas de oportunidades e tiveram seu pensamento e trabalho desvalorizados, invisibilizados ou até demonizados. Identificar os mecanismos de opressão na sociedade é um primeiro passo para reagir a ele ou desconstruir seu funcionamento. Já pelo entendimento sobre a construção social da informação, das mídias e das tecnologias, entende-se que mensagens, suportes e os usos das tecnologias tanto podem reforçar injustiças e estereótipos ou ajudar a desmontá-los e produzir novas narrativas.

O empoderamento, no feminismo, é o fortalecimento da pessoa para que ela desenvolva o poder de agir, pensar e construir, por si mesma e com sua coletividade, ao mesmo tempo em que resiste a investidas de opressão. É um processo social de



conscientização das subjetividades, dos pontos de vista, das potencialidades e dos desejos. A pessoa se percebe, se vê, desenvolve a auto-estima, se respeita e se admira. Na literatura sobre AMI, é a autonomia de busca/leitura/manuseio da informação/mídia/tecnologia e a segurança para tomar decisões, avaliar fontes/discursos/sistemas de informação e, principalmente, produzir e compartilhar seus conhecimentos.

A partir desse fortalecimento das pessoas, elas podem contribuir para a transformação de suas comunidades: famílias, instituições de trabalho, localidades. O bem viver é a busca por uma sociedade mais justa, mais empática e mais feliz. Trata-se de um esforço contínuo de construção colaborativa e resistência à dominação. Na ColInfo, é o aprendizado ao longo da vida e a certeza de que a participação ética em uma comunidade de aprendizagem é uma busca constante e interminável.

O quadro 1 sistematiza categorias que juntam conceitos oriundos das teorias e pedagogias feministas e da literatura sobre competências em informação, mídias e tecnologias digitais (AMI). A última coluna é o resumo da descrição da categoria, para facilitar a leitura e a compreensão.

Quadro 1 - Sistematização das categorias de análise das práticas críticas.

Categoria	Feminismo	AMI	Descrição
Ponto de vista	Lugar de fala, saber localizado, parcialidade, ancestralidade, corporeidade	Contexto	Partimos de um corpo, de um lugar, de uma experiência, de uma temporalidade e de uma ancestralidade. Esse é nosso contexto sócio-histórico de atuação, o nosso ponto de vista inicial.
Autocrítica	Autocrítica; autorreflexão; autoavaliação	Aprender a aprender, metacognição	Questionar nossos próprios mecanismos cognitivos, nossos preconceitos/estereótipos. Compreender nossos modos de pensar, sentir e aprender.
Colaboração	Comunidade, coletividade, diversidade, cooperação, horizontalidade, escuta, troca, inclusão	Academia como conversa; negociação de significados	Se temos um ponto de vista localizado, é ouvindo, trocando, incluindo e colaborando de forma horizontal com pessoas diversas, com generosidade e empatia, que ampliamos nosso saber.



Categoria	Feminismo	AMI	Descrição
Desconstrução	Do Patriarcado (e outros sistemas de opressão)	Informação/mídias/tecnologias são construídas socialmente	Compreender a estrutura dos sistemas de opressão, a construção social da informação/mídias/tecnologias e como elas podem reproduzir ou desconstruir esses sistemas.
Empoderamento	Entusiasmo, Auto-estima, Conscientização	Autonomia; auto-confiança; capacidade de decisão e de avaliação	Objetivo dos processos educativos e sociais: o desenvolvimento pleno da pessoa em sua subjetividade e potencialidade.
Bem viver	Equidade de oportunidades, justiça social, continuum de resistência	Ética, Aprendizado ao longo da vida	Objetivo final: pessoas conscientes e ativas podem contribuir para uma sociedade (e uma academia) mais justa e feliz. E sabem que esse é um trabalho contínuo.

Fonte: DOYLE (2021).

Como conclusão desta seção, e justificando as categorias selecionadas para análise dos trabalhos levantados, propomos uma alegoria. Suponhamos que essas categorias fossem uma pessoa no mundo, cada um ou uma de nós, falando na primeira pessoa. Primeiro, eu me percebo no meu corpo, no meu ambiente social, com minhas experiências (Ponto de Vista). Então me pergunto como eu aprendi e como continuo aprendendo. Que imagens, estereótipos e preconceitos eu carrego e me questiono sobre minhas qualidades, limitações e privilégios (Autocrítica).

Aí, eu percebo que o aprendizado se dá no relacionamento com outras pessoas e que preciso delas para ver outras coisas, ter novas ideias e construir coisas que sozinha eu não consigo (Colaboração). Nesse processo, eu reparo que algumas pessoas aparecem mais que outras, que algumas são consideradas melhores que outras e que isso é feito de um jeito às vezes explícito, mas quase sempre sutil, o que me obriga a questionar o que estou lendo/vendo, prestar atenção nos silenciamentos e procurar essas contranarrativas (Desconstrução).

Por fim, à medida que vou conseguindo perceber os mecanismos de dominação que funcionam 'normalmente' na sociedade, eu me sinto cada vez mais capaz de fazer uma leitura crítica e sinto que minha experiência, história e meus conhecimentos também têm valor e



merecem ser compartilhados. Ao melhorar minha auto-estima e me orgulhar da minha trajetória, percebo que também posso agir para mudar as coisas (Empoderamento).

Quando eu consigo isso, eu me junto a grupos de pessoas que dedicam sua vida, continuamente, a combater as inequidades e ampliar oportunidades para grupos historicamente marginalizados. Ao me juntar a esses grupos, posso colaborar para construir e manter uma comunidade ética de pessoas plenas e felizes (Bem viver).

Esse foi o método de análise que desenvolvemos para dar conta da tarefa da tese: refletir sobre a possibilidade e procurar exemplos práticos de ensino crítico de competências em informação, mídias e tecnologias digitais que fossem voltados para a justiça social, mais especificamente a desconstrução de estereótipos de gênero.

3 RESULTADOS

As seis categorias apresentadas acima serão nossas chaves para procurar entender de que forma o ensino de competências em informação, mídias e tecnologias digitais, quando informado por princípios críticos, pode se aliar à desconstrução da ideologia patriarcal e, com ela, os estereótipos de gênero. Por este motivo, ou seja, a junção de aspectos críticos e o foco em quebra de estereótipos ou questões de gênero, 23 trabalhos foram selecionados da revisão de literatura e serão apresentados nessa seção, à luz das 6 categorias construídas.

A proposta do quadro apresentado a seguir é destacar a variedade de práticas de ensino encontradas na revisão de literatura (DOYLE, 2021) assim como eleger uma categoria principal para representá-las. É evidente que cada uma dessas práticas abrange mais de uma categoria, podendo até exemplificar todas elas. Contudo, como é habitual na CI, o esforço de classificação prioriza o aspecto mais relevante de cada prática.

Algumas das práticas analisadas não tratam especificamente de estereótipos de gênero, mas foram selecionadas porque trabalham bem a desconstrução de outros estereótipos (pessoas com deficiência, imigrantes, lideranças, povos originários, povo russo). Já que sabemos que mudar o nosso funcionamento mental, simbólico e emocional é das tarefas mais árduas, consideramos que esses exemplos têm muito a contribuir.



Quadro 2 - Trabalhos sobre práticas de ensino de competências em informação, mídias e tecnologias digitais encontrados em revisão sistemática da literatura e selecionados por envolver princípios críticos, gênero e estereótipos.

Autoria	Ano	Descrição	Categoria
Catherine Burwell	2013	O trabalho explora a cultura do remix para fomentar debates sobre criatividade, ética e o poder das mídias. O remix “Buffy x Edward” trata de masculinidade, feminilidade e papéis de gênero. Pensa-se como as representações de gênero são construídas pelas características semióticas dos filmes e nota-se a diferença de ponto de vista história de amor x relacionamento abusivo.	Ponto de vista
Alexandra Bujokas de Siqueira e Liana Catarina da Silva Carvalho	2013	As autoras conduziram oficinas de leitura e produção crítica de fotografia. Uma das oficinas era sobre os valores adjacentes transmitidos pelas imagens e o exemplo foram 3 propagandas com mulheres. Estudantes refletem e debatem sobre as circunstâncias da exploração do corpo feminino.	Ponto de vista
Les Hutchinson and Maria Novotny	2018	As informações sobre saúde são protegidas pelo sigilo médico-paciente, mas os dados coletados em aplicativos que monitoram nossos corpos não. As professoras montam um curso baseado na ética do cuidado feminista que propõe, como trabalho final, que grupos de estudantes usem equipamentos e escrevam um guia de uso voltado aos interesses de usuários.	Ponto de vista*
Brian McKenzie et al.	2018	Em projeto colaborativo de edição de verbetes na Wikipedia, estudante nota que o verbete Poesia só apresentava artistas homens e incluiu informações sobre Emily Dickinson. Sua edição foi recusada, ela levou o tema para debate em sala, o professor interveio e conseguiu aprovar a inclusão. O caso foi debatido como exemplo de viés cultural e discriminação de gênero.	Ponto de vista
Dierdre Glenn Paul	2000	A autora relata o uso do rap para tratar de poesia nas aulas de inglês. Além de discussões sobre valor artístico e étnico-raciais, ela relata debates sobre versos provocativos cantados por mulheres em torno e estereótipos e de empoderamento sexual x reprodução de comportamento masculino.	Auto-crítica
Stephanie Flores-Koulish	2010	A autora relata suas práticas com estudantes no mestrado em pedagogia. O grupo debate privilégio branco, reprodução cultural e como a mídia contribui para a construção dessas narrativas. Cada pessoa produz um ‘mémor’ de seu próprio consumo antes de integrarem a educação midiática nos seus currículos respectivos.	Auto-crítica*
Vivian Bynoe and Anne Katz	2018	Parceria entre uma bibliotecária e uma professora de pedagogia para promover técnicas de leitura crítica a professores em formação. O livro escolhido foi sobre uma jovem muçulmana que decide usar o véu. Atividades incluíram análises sobre quais estereótipos o livro desmonta e quais ele reforça, mostrando a complexidade da tarefa de desconstrução e a necessidade de auto-crítica.	Auto-crítica



Autoria	Ano	Descrição	Categoria
Anna Zankova	2018	A autora promove uma reflexão sobre a narrativa única das mídias ocidentais sobre a Rússia. Ela propõe análises autobiográficas, de personagens e de estereótipos e pede a seus estudantes que comparem com os de seus países de origem. Eles exprimem suas opiniões por meio da produção de vídeos caseiros simples.	Auto-crítica
Debbie Holley and Tom Boyle	2012	Pessoas bibliotecárias, especialistas em tecnologias e docentes de moda se juntaram para produzir conteúdos digitais interativos. A proposta era capacitar e empoderar docentes para a produção de suas próprias plataformas e conteúdos digitais, além de fomentar a colaboração interdepartamental. Um projeto fala da sexualização do corpo feminino a partir da moda e outro envolve a feminista Josephine Butler.	Colaboração*
Natalie Amgott	2018	A autora analisa casos de sucesso de ativismo digital, especialmente a hashtag #MeToo. Ela se baseia na pedagogia freireana e na máxima “o pessoal é político” para propor que seus estudantes escolhessem um tema e criassem uma campanha digital com possibilidades de impacto na vida social.	Colaboração
Julia Voss	2018	A colaboração em trabalhos de grupo é boa para quem? A autora estuda privilégios de raça, classe, gênero e outros marcadores sociais na divisão de tarefas e como afetam as possibilidades de aprendizado. Ela sugere que esses papéis sejam debatidos abertamente ao longo do processo decisório para ampliar a metacognição de seus participantes sobre processos colaborativos.	Colaboração
Robin Jocius, Samantha Shealy	2017	O trabalho descreve a condução de um clube de leitura crítica no ensino fundamental cujo objetivo é partir da literatura para estimular conversas sobre deficiências, diferenças e estereótipos. Resultados positivos incluem a produção de um vídeo sobre mitos e verdades sobre a síndrome de Down e um jogo de tabuleiro estilo trívica sobre a espinha bífida.	Desconstrução
Anna Mendoza	2018	Reconhecendo que as identidades de povos originários, imigrantes e minorias são construídos pelas narrativas oficiais, a autora trabalha para descolonizar o pensamento a partir de um exercício de saber localizado. Para ela, a via da multiplicidade é aquela que consegue realizar um <i>métissage</i> de vozes.	Desconstrução*
Sherell McArthur	2019	Apesar da diversidade da população nos USA, a língua inglesa continua a ser ensinada a partir de textos e valores de homens brancos. A professora criou um coletivo de estudos depois da escola com meninas negras para analisar os estereótipos de mulheres negras e propor contranarrativas.	Desconstrução
Diane Watt	2019	Pesquisa com estudantes de pedagogia sobre a produção de vídeos e sua inclusão como atividade no currículo escolar. A autora dá como exemplo um plano de aula sobre estereótipos em publicidades para crianças. Elas debatem os papéis de gênero e são motivadas a criarem um comercial que quebre essas expectativas.	Desconstrução



Autoria	Ano	Descrição	Categoria
Brian Morgan	1997	O autor desconstrói com seu grupo de imigrantes a mensagem de um referendo no Canadá a partir de uso de textos em inglês e na 1ª língua. Relata o empoderamento dos estudantes ao compreender que a confusão e a indefinição por vezes são intencionais nas mensagens que pretendem manter o status quo.	Empoderamento*
Shin-ying Huang	2015	O trabalho tem foco na identificação de estereótipos de raça, gênero e classe social em filmes. As turmas analisou os retratos discriminatórios pelas imagens, sons, gestos e organização espacial. Um dos exemplos de trabalho final é a análise das relações de gênero no filme “Austrália” e a contranarrativa de empoderamento de Nicole Kidman.	Empoderamento
Ted Kesler, Pablo P. L. Tinio and Brian T. Nolan	2016	Os autores trabalham com cultura pop para mobilizar adolescentes com dificuldades de aprendizado para a leitura crítica e o uso das mídias digitais. O artigo detalha o caso de uma estudante que produziu um glog (poster digital) que oferece uma contranarrativa sobre meninas adolescentes apresentando imagens de foco nos estudos e contribuição para suas comunidades.	Empoderamento
Juan Rey, Hernández-Santaolalla y Francisco Silva-Vera	2017	Os autores desenharam uma atividade de leitura crítica de publicidade com 5 comerciais. Os dois primeiros eram sobre machismo. O artigo debate os resultados detalhados de cada grupo (experimental e controle), concluindo que a educação midiática favorece a detecção do machismo.	Empoderamento
Theresa Redmond	2012	A autora propõe uma abordagem chamada “pedagogia da satisfação crítica”, que envolve colaboração, horizontalidade e diversão. Ela relata o programa das aulas que incluem um dia para discutir imagens e estereótipos de meninos, um para as meninas e o último que é o dia do empoderamento.	Bem viver
Jamie Joanou	2017	Curso de leitura crítica da mídia no mestrado em Educação. A autora apresentou conceitos de teorias feministas, queer, e pedagogia crítica e os conectou com as mídias do cotidiano. Dentre os projetos finais, um foi sobre como mulheres brancas podem se associar à luta das mulheres negras, integrando Freire, hooks e recortes de notícias.	Bem viver*
Katherine E. Batchelor	2018	As referências estudadas numa disciplina informam o olhar para aquele assunto. A professora propõe reflexão e compilação de conjuntos de referências multimídias, escolhidas para promover justiça social. Uma das estudantes compila referências sobre a cultura do estupro, a partir do ponto de vista da vítima.	Bem viver
David Poulus and Beryl Exley	2018	Um professor de comunicação escolhe uma notícia polêmica para trabalhar relações de poder e diversidade cultural com seus estudantes em uma comunidade de baixa renda. Eles analisam o texto em 7 etapas, debatem e o trabalho final é reescrever o texto de modo a criar uma imagem mais justa da sociedade.	Bem viver

Fonte: Elaborado pelas autoras.



Na sequência, analisamos mais detalhadamente um exemplo de cada categoria, identificados, no quadro 2, por um asterisco.

3.1 Ponto de vista

No trabalho sobre o questionamento crítico de tecnologias que se usam no corpo (*wearable technology*) de Les Hutchinson and Maria Novotny (2018), é a dimensão de corporeidade da categoria Ponto de vista que se destaca. O estudo mostra que, enquanto informações de saúde obtidas por métodos tradicionais são protegidas, as informações corporais provenientes desses equipamentos e aplicativos não o são. As autoras apresentam referencial teórico sobre a relação entre vigilância e violência de gênero assim como as respostas feministas sob a forma de cuidado e compaixão.

O projeto envolve duas disciplinas de redação técnica que culminam com o teste de um equipamento por parte de estudantes e a redação de um guia de usuários que problematiza a vigilância. O uso dos equipamentos para a redação do guia “destaca como o ensino de vigilância e sua relação com risco engendrado pela coleção de dados corporais deve ser construído a partir de experiências corporificadas” (HUTCHINSON; NOVOTNY, p. 117, tradução nossa).

A mobilização da ética do cuidado para a redação de um manual técnico exemplifica, na prática, como as questões de gênero estão implicitamente atreladas à tecnologia. Assim, o projeto promove reflexão e respostas concretas tanto à pseudo-neutralidade tecnológica quanto aos direitos sobre o corpo, especialmente das mulheres, podendo contribuir para a construção de olhares mais respeitosos com esses corpos.

3.2 Autocrítica

O artigo da professora de mestrado em Educação Stephany Flores-Koulish (2010) descreve alguns debates feitos em sala de aula sobre relações étnico-raciais, gênero e sexualidades (106). A categoria Autocrítica é evidenciada pela tarefa final da disciplina que envolve a produção, por parte do corpo discente, de um diário pessoal de consumo de mídias acompanhado de reflexões em torno de 5 perguntas: 1. Quem está enviando essa mensagem e por quê? 2. Que técnicas são usadas para chamar a minha atenção? 3. Que estilos de vida, valores e pontos de vista estão representados na mensagem? 4. De que outros modos outras pessoas podem entender essa mensagem? 5. O que está faltando na mensagem?



O exercício de auto-avaliação do nosso consumo midiático, acompanhado por uma análise crítica de seus conteúdos desperta reflexões sobre os possíveis impactos do convívio com essas mensagens na nossa forma de ver o mundo e nos comportarmos em sociedade. Além disso, a autora adverte sua turma sobre os efeitos positivos da conscientização, como o desenvolvimento de uma postura mais crítica em relação à informação consumida e a possibilidade de resistência e produção de contra-narrativas, mas também adverte que esse processo costuma ser um caminho sem volta, que tende a alterar seus modos de ver as mídias e a cultura popular, provocando algumas rupturas. A partir dessas resistências e rupturas, as pessoas envolvidas podem problematizar sua visão os estereótipos de gênero e, eventualmente, ajustar seu comportamento.

3.3 Colaboração

Um dos aspectos da categoria colaboração é quando profissionais de áreas diferentes se juntam para realizar um projeto: é o caso do projeto descrito no artigo de Debbie Holley and Tom Boyle (2012) que juntou pessoas bibliotecárias, docentes e técnicas em informática para produzir aplicações interativas que estimulasse estudantes a aprenderem as teorias, utilizarem os acervos e desenvolverem o pensamento crítico. Um dos exemplos apresentados no trabalho é “A Teoria das Zonas Erógenas”. Além da colaboração entre membros da universidade, o projeto teve o título modificado pelos estudantes “que clicariam imediatamente em um recurso com esse título” (HOLLEY; BOYLE, p. 4, tradução nossa). O produto explora vestidos de diferentes décadas para mostrar como a percepção sobre o corpo é culturalmente construída.

Autora e autor concluem que, por um lado o projeto foi muito positivo, melhorando muito a compreensão das teorias apresentadas (comparadas com as turmas anteriores) e a qualidade da argumentação nos ensaios finais. Por outro lado, um dos objetivos que era empoderar docentes a criar e reaproveitar artefatos feitos por outros não teve o resultado esperado.

Na nossa leitura, o projeto promove um entendimento sobre o modo como a cultura patriarcal impõe controle sobre os corpos femininos, por meio de visões sobre o que é decente ou apropriado vestir. Ao enfatizar que esses valores mudam ao longo do tempo,



principalmente graças a mobilizações sociais feministas, ele pode suavizar posturas conservadoras sobre escolhas vestimentares e até estimular experimentações.

3.4 Desconstrução

Anna Mendoza (2018), professora canadense do curso de Pedagogia, reconhecendo que as identidades de povos originários, imigrantes e minorias são construídos pelas narrativas oficiais das mídias de massa e do currículo imposto, trabalha para descolonizar o pensamento de sua turma. As aulas relatadas no artigo começaram com uma visita a uma exposição sobre a Amazônia. Antes de entrar, estudantes recebem uma lista de perguntas, como: “de que forma você imagina que sua disciplina (artes, literatura, esportes, ciências, etc.) seja ensinada no Brasil? Como os povos nativos são retratados? A exposição tem alguma mensagem política? Se você fosse dar aulas lá, como adaptaria seus conteúdos?” (MENDOZA, 2018, p. 417, tradução nossa).

Ao compilar as respostas, a autora encontrou três tipos de visão: universalidade, dualidade e multiplicidade. Para ela, tanto o discurso único hegemônico presente no primeiro tipo quanto o discurso que opõe colonizadores brancos a todos os outros tipos de pessoas dentro de caixas separadas são totalizantes. Para a ela, a via da multiplicidade é aquela que consegue realizar um *métissage* de vozes que se cruzam em diversos nós que são os marcadores identitários e sociais.

Apesar de não tratar de gênero, a proposta decolonial estimula a reflexão sobre os discursos sobre ‘o outro’, o questionamento sobre mensagens políticas contidas nas imagens e o exercício de imaginação sobre outras localidades e contextos sociais. O processo de desconstrução passa pela percepção das injustiças históricas e arbitrárias, cometidas por grupos que se sentiram superiores a outros, justificando violências como invasão, escravização, estupro e genocídio a partir de argumentos de superioridade moral, religiosa, cultural ou em nome da civilização e do progresso. Essa compreensão é fundamental para a desconstrução de diversos estereótipos sobre povos originários, mas também sobre outros grupos minorizados, como as mulheres.

3.5 Empoderamento

Brian Morgan (1997) é um professor que dá aulas de inglês como segunda língua para imigrantes e abre seu artigo dizendo que sua prática é informada pelos discursos críticos, pós-



modernos e feministas. Ele analisa com seus estudantes a comunicação em torno de um referendo no Canadá e usa textos nas línguas maternas junto com outros em inglês para ajudar seus alunos a entender os significados implícitos.

O autor relata o sentimento de empoderamento de seus estudantes quando percebem que não é porque não dominavam a língua que não tinham entendido o texto, mas porque ele foi construído para confundir. O trabalho coletivo em direção à autoestima é delicado e muito importante e mesmo sem tratar de relações de gênero, mas de uma outra opressão, a discriminação contra pessoas estrangeiras, ele discute essa passagem da confusão para o sentimento de confiança em si por meio da leitura crítica e da generosidade no processo de ensino-aprendizagem.

Para desconstruir estereótipos em geral, é necessário perceber as manipulações de discursos e identificar os mecanismos de manutenção dos privilégios que os acompanham. Especialmente nos tempos de desinformação e pós-verdade que vivemos hoje, uma leitura crítica significa interrogar o texto, questionando as condições de produção e as intenções de quem o produziu. Quando a pessoa compreende melhor as implicações do que está lendo, não só percebe que sua opressão é produzida e reproduzida intencional e constantemente, mas também pode se sentir capaz de resistir e lutar contra ela.

3.6 Bem viver

No artigo sobre leitura crítica da mídia na formação de professores, Jamie Joanou (2017) se coloca como uma mulher branca que reconhece seus privilégios e que educa para a justiça social. O artigo sobre a leitura crítica do mundo pelas mídias no mestrado em Educação explora o referencial teórico (teoria racial crítica, teorias críticas feministas, queer e outras) como bases para examinar questões sociais na escola. A autora diz que o engajamento crítico “é necessário para que professores possam trazer a justiça social para dentro da sala de aula, que é um dos maiores objetivos dessa disciplina” (JOANOU, 2017, p. 45, tradução nossa).

Esse trabalho é um dos que mostra que o engajamento de estudantes com a justiça social nem sempre acontece e que, como no caso analisado, alguns até se recusam a fazê-lo. bell hooks trata disso quando diz que a criação de uma comunidade de aprendizagem é tanto responsabilidade de docentes quanto de discentes (HOOKS, 2019) e que nem toda pessoa está pronta a reconhecer seus privilégios ou abrir mão deles.



Com o objetivo declarado de ser um processo pedagógico voltado para a justiça social, parte fundamental do conceito de bem viver, o projeto contribui para a desconstrução de estereótipos na medida em que solicita, de futuras professoras e professores, que questionem seus privilégios. A identificação de privilégios diversos, inclusive o de gênero, permite que se desvelem opressões naturalizadas, podendo fomentar uma mudança de perspectiva ou até de comportamento.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O trabalho apresentou categorias construídas a partir de referenciais teóricos advindos das teorias feministas e das discussões sobre competência em informação, mídias e tecnologias digitais. Ponto de vista, Autocrítica, Colaboração, Desconstrução, Empoderamento e Bem viver foram as chaves usadas para analisar os artigos, recuperados na literatura internacional, que relatam experiências pedagógicas que aliam o ensino da Alfabetização Informacional e Midiática (AMI) ao combate à discriminação de grupos minorizados, especialmente aqueles inferiorizados por conta de suas identidades de gênero.

Observamos que as propostas analisadas se pautam em referenciais teóricos críticos, como as teorias feministas, a teoria racial crítica, a teoria queer, entre outras; ou em métodos de ensino-aprendizagem oriundos da pedagogia crítica; ou ainda em objetivos de estímulo à autoestima e à justiça social por meio da inclusão e valorização da diversidade. Tais elementos são mobilizados conscientemente pelas pessoas docentes e são indissociáveis dos diversos conteúdos específicos de cada curso ou disciplina.

A partir dessa constatação, inferimos que as categorias apresentadas, se usadas desde a concepção de propostas educativas, podem informar práticas de ensino voltadas para o uso crítico da informação, das mídias e das tecnologias digitais ao mesmo tempo em que promovem não só a reflexão como também, em certos casos, atitudes de desconstrução de estereótipos de gênero e de enfrentamento às desigualdades de gênero. Dessa forma, sugerimos que pessoas bibliotecárias, docentes e demais profissionais da educação considerem integrá-las às suas práticas de ensino e prol da construção de uma sociedade mais justa, sustentável e feliz para todas, todos e todes nós.



REFERÊNCIAS

ACRL – ASSOCIATION OF COLLEGE AND RESEARCH LIBRARIES. **Information literacy competency standards for higher education**. Chicago: ALA, 2000. Disponível em: . Acesso em: 16 out. 2014.

AMGOTT, Natalie. Critical literacy in #digitalactivism: collaborative choice and action. **The International Journal of Information and Learning**, v. 35, n. 5, p. 329-341, 2018.

BATCHELOR, Katherine E. Using linked text sets to promote advocacy and agency through a critical lens. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 62, n. 4, p. 379- 386, jan./feb. 2019.

BURWELL, Catherine. The pedagogical potential of video remix: critical conversations about culture, creativity, and copyright. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 57, n. 3, p. 205–213, nov. 2013.

BYNOE Vivian; KATZ, Anne. Thinking outside the box: a critical literacy collaborative. **Reference Services Review**, v. 46, n. 2, jun. 2018.

DECLARAÇÃO de Maceió sobre a competência em informação. Maceió: FEBAB, 2011.

DODEBEI, Vera. **O sentido e o significado de documento para a Memória Social**. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1997.

DOYLE, Andréa. **Competências em informação, mídia e tecnologias digitais e a desconstrução de estereótipos de gênero: práticas de ensino críticas**. 2021. 218 f. Tese (Doutorado em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro; Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, RJ, 2021.

DOYLE, Andréa; DODEBEI, Vera. Mapa Teórico Conceitual para construção de categorias em projetos transdisciplinares. *In: V Congresso ISKO Espanha-Portugal (15.º ISKO Espanha)*. **Anais eletrônicos...** Lisboa, p. 535-542, 2021.

DOYLE, A.; OLINTO, G. Práticas de ensino críticas de competência em informação, mídias e tecnologias digitais e a desconstrução de estereótipos de gênero. **Informação & Informação**, v. 26, n. 4, p. 575-594, 2021.

FLORES-KOULISH, Stephanie. Practicing critical media literacy education developing a community of inquiry among teachers using popular culture. **American Educational Research Association**, p. 1-18, may. 2010.

FREIRE, Paulo. **Conscientização: teoria e prática da libertação, uma introdução ao pensamento de Paulo Freire**. São Paulo: Centauro, 1980.

HALL, Stuart. Codificação/decodificação. *In: SOVIK, Liv (Org.)*. **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte: UFMG, 2003.



HARAWAY, Donna. Situated knowledges: the science question in feminism and the privilege of partial perspective. **Feminist Studies**, v. 14, n. 3, p. 575-599, 1988.

HOLLEY, Debbie; BOYLE, Tom. Empowering teachers to author multimedia learning resources that support students' critical thinking. **European Journal of Open, Distance and E-Learning**, n. 1, p. 1-8, 2012.

HOOKS, bell. **Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, 2019.

HUANG, Shin-Ying. The Intersection of multimodality and critical perspective: multimodality as subversion. **Language Learning & Technology**, v. 19, n. 2, p. 21- 37, oct. 2015.

HUTCHINSON, Les; NOVOTNY, Maria. Teaching a critical digital literacy of wearables: a feminist surveillance as care pedagogy. **Computers and Composition**, v. 50, p. 105-120. dec. 2018.

JOANOU, Jamie. Examining the world around us: critical media literacy in teacher education. **Multicultural Perspectives**, v. 19, n. 1, p. 40-46, 2017.

JOCIUS, Robin; SHEALY, Samantha. Critical book clubs: reinmaging literature readinfg and response. **The Reading Teacher**, v. 71, n. 6, p. 691–702, may/jun. 2018.

KESLER Ted; TINIO, Pablo P. L.; NOLAN, Brian T. What's our position? a critical media literacy study of popular culture websites with eighth-grade special education students. **Reading & Writing Quarterly**, v. 32, n. 1, p. 1-26 2016.

McARTHUR, Sherell A. Centering Student Identities in Critical Media Literacy Instruction. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 62, n. 6, p. 686–689, May/June 2019.

McKENZIE, Brian; BROWN, Jonathan, CASEY, Denis; COONEY, Adeline; DARCY, Eamon; GIBLIN, Susan; NI MHÓRDHA, Máire. From Poetry to Palmerstown: Using Wikipedia to Teach Critical Skills and Information Literacy in a First-Year Seminar. **College Teaching**, v. 66, n. 3, p. 140–147, 2018.

MENDOZA, Anna. Preparing Preservice Educators to Teach Critical, Place-Based Literacies. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 61, n. 4, p. 413-420, 2018.

MORGAN, Brian. Critical perspectives in community-based, adult ESL programs. *In: ANNUAL MEETING OF THE TEACHERS OF ENGLISH TO SPEAKERS OF OTHER LANGUAGES*, 31., 1997, Orlando. **Proceedings** [...]. Orlando: ERIC, 1997.

PAREDES, Julieta. Hilando fino desde el feminismo comunitario. *In: MIÑOSO, Yuderkys Espinosa (coord.). Aproximaciones críticas a las prácticas teórico-políticas del feminismo latino-americano*. Buenos Aires: En la Frontera, 2010. p. 117-120.



PAUL, Dierdre Glenn. Rap and orality: critical media literacy, pedagogy, and cultural synchronization. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 44, n. 3, p. 246-252, nov. 2000.

POULUS, David; EXLEY, Beryl. Critical literacy for culturally diverse teenagers: “i’ve learned something that is actually useful”. **Journal of Adolescent & Adult Literacy**, v. 62, n. 3, nov./dec. 2018.

REDMOND, Theresa. The pedagogy of critical enjoyment: teaching and reaching the hearts and minds of adolescent learners through media literacy education. **Journal of Media Literacy Education**, v. 4, n. 2, p. 106-120, 2012.

REY, Juan; HERNÁNDEZ-SANTAOLALLA, Victor; SILVA-VERA, Francisco. Media literacy and advertising discourse in three schools in Guayaquil. **Convergencia Revista de Ciencias Sociales**, v. 24, n. 74, may./ago. 2017.

SIQUEIRA, Alexandra Bujokas de; CARVALHO, Liana Catarina da Silva. Experiências de mídia-educação: estudando a fotografia no ensino médio. **Pro- Posições**, v. 24, n. 3, sep./dec. 2013.

VOSS, Julia. Who Learns from Collaborative Digital Projects? Cultivating Critical Consciousness and Metacognition to Democratize Digital Literacy Learning. **Composition Studies**, v. 46, n. 1, p. 57-80, 2018.

WATT, Diane. Video Production in Elementary Teacher Education as a Critical Digital Literacy Practice. **Media and Communication**, v. 7, n. 2, p. 82-99, 2019.

ZANKOVA, A. Development of critical thinking and media literacy of adult learners in the Russian as a foreign language classroom. **Media Education**, n. 1, v. 56, p. 117- 123, 2018.